

PERÍFRASES VERBO-NOMINAIS*

MARCIA DOS SANTOS MACHADO VIEIRA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

ABSTRACT: The main goal of this article is the description of aspects of complex predicates with support verbs registered in Brazilian and European Portuguese texts, based on a research about the formation of constructions with dar, fazer and ter (to give, to make and to have) and about both use and perception of such constructions. Thus, it aims at showing, from a functionalist perspective, properties that contribute to the semi-grammatical status of support verbs, some characteristics of the verb-nominal periphrases configuration which lead to the perception of different degrees of incorporation between its components, the sociolinguistic status of such constructions and its discursive functions.

KEYWORDS: Functionalism; predication; support verbs; Brazilian and European Portuguese.

1. Introdução

Tem-se o intuito de apresentar aspectos relativos à configuração e ao funcionamento de predicadores complexos formados com base em verbos suportes. Para ilustrar essas construções, considerem-se os exemplos:

- (1) Principal derrotado, Maluf não quis **fazer comentários**. Horas antes da votação, ele apostara na derrota de FH: “Faço uma roleta russa com seis balas no revólver se ela for aprovada.” O presidente da Argentina Carlos

* Sintetizam-se aqui resultados obtidos no âmbito dos estudos do grupo de pesquisa PREDICAR (Projeto *Formação e expressão de predicados complexos: percepção e uso no Brasil e em Portugal*), desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Esses resultados foram apresentados na Conferência Internacional em Gramática e Texto (GRATO, Julho de 2009). Os dados que fundamentam tais estudos provêm de *corpora* constituídos no âmbito dos projetos PREDICAR (que conta, por exemplo, com textos de gêneros diversos extraídos de jornais brasileiros e portugueses e sites na *internet*, redações escolares, entre outros), VARPORT (*Análise Contrastiva de Variedades do Português*, cf. www.lettras.ufrj.br/varport), NURC-RJ (*Norma Urbana Culta*, cf. www.lettras.ufrj.br/nurc-rj), APERJ (*Atlas Etnolinguístico de Pescadores do Estado do Rio de Janeiro*), CRPC-PF (*Corpus de Referência do Português Contemporâneo – Português Fundamental*, CLUL/Universidade de Lisboa).

Menem telefonou para dar os parabéns a FH (Fernando Henrique Cardoso). [PB escrito, VARPORT, O Globo, notícia, 29/01/1997]

- (2) Se a exigência dos delegados daquellas duas circumcripções baseia-se na necessidade da polícia ter conhecimento do pessoal que nellas mora para certificarem-se de que no meio d'elle existe ou não algum criminoso, essa exigência não produzira resultado pratico (...)” [PB escrito, VARPORT, Jornal do Brasil, notícia, 14/05/1902]

Norteiam os estudos em que se baseia esta exposição as seguintes questões:

(i) Qual é o estatuto das formas verbais de tais perífrases no *continuum* cujos extremos são *verbo com comportamento lexical* e *verbo com comportamento instrumental* no sistema? Quais são as condições para sua categorização nesse *continuum* de gramaticalização?

(ii) Como se configuram as perífrases? Que propriedades são fundamentais à formação e expressão de perífrases verbo-nominais na base de Vsuporte? Como seus componentes contribuem para a seleção de participantes e de funções semânticas na estruturação semântico-sintática da predicação final resultante da perífrase?

(iii) Como as perífrases são empregadas em espaços sócio-comunicativos distintos? Como seu uso é percebido e avaliado pelos falantes, com relação a seus efeitos discursivos na configuração do texto ou da situação sócio-comunicativa, na eficiência e na adequação da atividade interativa? Motivações de natureza semântica ou discursivo-pragmática determinam a opção entre perífrase e forma simples equivalente?

Em Português, conta-se com um conjunto de verbos que têm comportamento semi-gramaticalizado na derivação de predicadores complexos. Tais verbos atuam sistematicamente na formação de construções gramaticais, à semelhança do que ocorre com certos verbos semi-auxiliares que operam sobre verbos lexicais. Ainda que o verbo suporte possa ter alguma colaboração, as construções predicantes formadas por eles têm, em termos lexicais, como fonte principal de predicação (ou seja, de definição de um evento/estado de coisas, projeção de participantes e atribuição de papéis a estes na estruturação semântico-sintática de uma predicação) um elemento não-verbal que, sob certas restrições, mantém com aquele maior ou menor grau de integração, a depender da construção.

Na formação dessa perífrase, supõe-se que existe uma compatibilidade entre as especificações semânticas e morfossintáticas fornecidas pelos constituintes semi-gramatical e lexical e as da estrutura de predicador complexo em que aqueles se enquadram. As construções formadas por verbos suportes possuem algumas especificações semânticas e morfossintáticas, independentemente do tipo de verbo suporte e do item lexical que se verbaliza por atuação daquele. Com isso, a construção com verbo suporte em si e os elementos que a instanciam (um de caráter semi-gramatical e outro lexical) interagem e se compatibilizam na definição da estruturação final da predicação.

No que se refere ao plano da percepção e da avaliação subjetiva de formas linguísticas, entende-se que o emprego de perífrases verbo-nominais se relaciona não só a necessidades sócio-comunicativas, mas também a certas projeções simbólicas. Os espaços sócio-interacionais adquirem valor simbólico, pois são produtos de construções mentais de indivíduos que (i) àqueles espaços se vinculam, (ii) neles têm participação sócio-comunicativa ativa e suas experiências de interação e, em função disso, (iii) elegem as formas com que compõem seus discursos.

Em linhas gerais, os objetivos deste artigo são os de: (i) descrever as condições de categorização de empregos de *fazer*, *dar* e *ter* (os itens mais recorrentes nos *corpora* analisados) num *continuum* de gramaticalização e mostrar que o verbo suporte tem comportamento semi-auxiliar em virtude dos processos de dessemantização e especialização gramatical a que se submete, da existência de um argumento externo cuja configuração é principalmente determinada pelo elemento não-verbal, de restrições quanto à configuração deste elemento para sua integração àquele e de certas regularidades morfossintáticas; (ii) explicitar o peso da percepção ou da avaliação subjetiva desses predicadores complexos com relação ao seu emprego em espaços sócio-comunicativos e modalidades diferentes, detectado em metodologia de testes de atitudes; (iii) tratar de aspectos relativos à exploração consciente desse tipo de opção verbal na construção textual, tendo em vista funções discursivas para emprego de perífrases verbo-nominais e supondo noções de (relativa) “equivalência semântica” ou “comparabilidade funcional” (nos termos de Lavandera, 1978: 181) entre perífrases verbo-nominais e verbos plenos correspondentes, tal qual aparece presumida no primeiro parágrafo do texto *Parabéns por tudo* (Andrade, Carlos Drummond de (2003). *Prosa selecionada*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 156).

“Cumprimentava a todos por tudo e mesmo a pretexto de nada. Felicitações, congratulações que não acabavam mais. Chegou a **dar parabéns** (a **parabenizar**, como dizia) a alguém porque botava uma carta no Correio.”

2. Materiais de pesquisa e referencial teórico-explicativo

A análise fundamenta-se em *corpora* orais e escritos que documentam o comportamento linguístico no Brasil e em Portugal¹ e em materiais que registram atitudes² linguísticas de brasileiros em relação a essas perífrases³.

¹ As observações aqui feitas resultam da pesquisa de: (i) 2139 ocorrências do item *fazer* registradas em entrevistas e textos jornalísticos (de 4 fases do século XX) produzidos no Português Brasileiro (PB) e no Português Europeu (PE); (ii) 939 ocorrências do item *dar* em entrevistas e textos jornalísticos do PB e do PE; (iii) 238 ocorrências do item *ter* em entrevistas e textos jornalísticos do PB e do PE; (iv) 1841 ocorrências de perífrases verbo-nominais com *dar* e predicadores simples cognatos no PB (entrevistas, textos jornalísticos, redações); (v) 3000 ocorrências de perífrases verbo-nominais com *fazer/dar/ter/levar/ficar/tomar/pôr/deixar* e predicadores simples cognatos nas modalidades falada e escrita do PB (entrevistas e textos jornalísticos de 2 fases do século XX); (vi) 538 dados de perífrases

Recorreu-se à metodologia de pesquisa de atitudes linguísticas (cujo desenvolvimento tem inspiração em orientações de Labov (1972) e Fasold (1987)), por conta da necessidade, com o aprofundamento dos estudos a esse respeito, de compor materiais que propiciem o exame empírico da relação (feita na perspectiva do usuário) entre a opção por perífrases e dimensões como, por exemplo: seu papel na construção de sentido no texto ou de imagem social, funções discursivas, influência do registro, interferência de “valores” atribuídos às formas verbais complexas, ou seja, projeções simbólicas em relação ao que é “usar a norma culta (padrão)” e ao que “se costuma usar (ou não) em determinados gêneros de texto ou espaços sociais”, entre outras dimensões.

Acredita-se que é importante somar à análise do comportamento linguístico observável em *corpora* as percepções e avaliações subjetivas que estão na base dos modos de usar a língua, visto que as manifestações linguísticas, em atividades e situações comunicativas diversificadas, revelam funcionamentos para as formas que só podem ser totalmente observados, descritos e/ou explicados num enfoque que permita averiguar os fenômenos linguísticos em diferentes dimensões e de um modo mais social e contextualizado.

Nas investigações das perífrases verbo-nominais, adotam-se, em linhas gerais: orientações da Teoria da Gramática Funcional (Dik, 1997) referentes à derivação de predicados complexos e à configuração de predicacões; parâmetros envolvidos no processo de gramaticalização de verbos (sugeridos, entre outros, por Hopper (1991), Heine (1993) e Heine *et al.* (1991)); o conceito de categorização linguística em redes de semelhança (Taylor,

verbo-nominais com *fazer/dar/ter* e predicadores simples cognatos nas modalidades falada e escrita do PB.

- 2 Uma atitude (percepção, valoração e/ou reação negativa, positiva ou neutra associada a uma estrutura/forma linguística) é individual, mas pode ter origem em comportamentos coletivos. Ainda que esteja relacionada a um constructo psicológico hipotético (a uma disposição mental que pode ser relativamente estável), uma atitude pode ser responsável por certos comportamentos linguísticos. Logo, numa análise sociofuncionalista é preciso determinar em que medida essa avaliação subjetiva pode promover atitudes de adesão, indiferença ou de rechaço ao emprego de perífrases verbo-nominais a depender do contexto sociolinguístico.
- 3 Analisam-se respostas obtidas basicamente em dois tipos de experimentos. Um deles (desenvolvido em três testes) é constituído de contextos comunicativos em que se propõem ao informante duas alternativas (predicador complexo com verbo-suporte e predicador simples) em relação a diversas predicacões e se apresentam instruções ao respondente no sentido de que ele analise o sentido das estruturas destacadas entre colchetes, marque se elas lhes parecem ou não equivalentes ou marque a que considerar mais adequada/indicada ao gênero textual e à situação comunicativa em que se encontra (ou até mesmo as duas alternativas, se ele julgar ambas pertinentes) e, depois, justifique a opção que fez. O outro é constituído de um texto contendo ocorrências variadas de predicadores complexos com verbos suporte diferentes, que foi apresentado a professores de Português para que estes avaliassem palavras e expressões linguísticas com relação aos aspectos de coesão e coerência, seleção vocabular, sugerissem alterações de texto e justificassem suas observações.

1995); e algumas considerações relativas à Gramática Construcional (Goldberg, 1995/2006).

Com base nesse referencial teórico, defende-se a hipótese de que, em função de um processo de gramaticalização a que se submetem alguns verbos do Português, se conta sistematicamente com formas semi-gramaticais que operam na formação de construções verbo-nominais predicantes. Concebe-se o processo de gramaticalização verbal como um *continuum* em que determinados usos de algumas formas verbais, ao revelarem desbotamento (pelo menos parcial) de conteúdo semântico e especialização funcional em comparação a seus usos primários, obtêm estatuto de forma mais ou menos gramaticalizada e, assim, passa a haver uma situação de polifuncionalidade verbal: extensões de sentido/uso (semi-)gramatical coexistem com empregos lexicais. A delimitação dos usos que se vinculam a essas categorias pauta-se na concepção de categorização segundo a qual, com base na observação de certos parâmetros, é possível detectar (a) construções ou ocorrências verbais que revelam a configuração prototípica associada a uma ou outra dessas categorias e (b) outras, de comportamento híbrido, que nem são exemplares de uma nem de outra.

Mesmo sendo um processo que aqui não se tenciona explorar, cabe esclarecer como se encara a lexicalização nos estudos em que se pauta este artigo, já que, quando se trata de construções com verbo suporte, não é raro encontrar alegações no sentido de que a opção por tais possibilidades de predicação está relacionada, nesta ou naquela variedade do Português, a “expressões idiomáticas”, cujo emprego se explica culturalmente. É importante levar em conta que: (i) a lexicalização – outro objeto de estudo do projeto PREDICAR – é um processo que pode afetar alguns predicadores complexos já formados por verbos suportes; (ii) esse processo dificilmente acarreta que a construção de partida (com verbo suporte) deixe de ter estatuto de predicador – estatuto que é assinalado, na construção lexicalizada resultante, pelo componente verbal, o qual permanece a serviço da indicação das categorias gramaticais do verbo (tempo, aspecto, modo, voz, número e pessoa); (iii) muitas vezes, a impressão de que uma construção já está lexicalizada não corresponde aos resultados obtidos na análise empírica dos parâmetros de lexicalização; (iv) em geral, alegações no sentido de que não se podem mesclar construções lexicalizadas à descrição desse tipo de predicador assentam numa concepção discreta e dicotômica de lexicalização, que não corresponde à realidade dos usos que se sujeitam a esse processo.

Em vista disso e com base em Lehmann (2002), compreende-se que alguns predicadores complexos com verbo suporte podem revelar comportamento (mais ou menos) lexicalizado, a depender do grau de cristalização de sua estrutura e de distanciamento entre a compatibilidade dos significados de suas partes e a configuração de seu sentido. Concebe-se, então, que a lexicalização implica um processo de mudança que envolve como parâmetros o grau de fossilização estrutural que tende a impossibilitar a substituição dos componentes por forma (quase) equivalente, topicalização ou alteração da posição destes e, ainda, inserção de elementos determinantes ou modifi-

cadores e o grau de transparência/opacidade dos componentes da construção em análise.

3. Análise e interpretação dos materiais de pesquisa

3.1 A categoria de verbo suporte e as perífrases verbo-nominais

Predicadores complexos consistem, em geral, de um componente verbal e outro não-verbal que, mais ou menos integrados, atuam como um só núcleo de predicação em termos de projeção de participantes/argumentos, relações gramaticais entre estes, estruturação oracional e funcionamento discursivo. O verbo suporte – ou “*operandum* auxiliar de verbalização de elemento não-verbal” (Machado Vieira, 2001) – apresenta regularidade de função: opera sobre um elemento não-verbal com a função de lhe conferir papel predicante ou, em certos casos, atualizar sua função predicante secundária⁴; serve de marcador do estatuto predicante de uma perífrase verbo-nominal.

A significação desse predicador é constituída por duas vias: da construção verbo-nominal para seus constituintes e de seus constituintes, particularmente do não-verbal, para a construção. Assim, o estado de coisas expresso pelo predicador complexo é estabelecido, por um lado, (a) em função do modo como um dado tipo de evento é encaminhado pelo verbo suporte e do modo como esse tipo de estado de coisas (mais abrangente) é, no mundo biossocial, delimitado lexicalmente pelo elemento não-verbal e, por outro, (b) depende a compatibilização dos valores encaminhados por esses constituintes com o de construção ativa/causativa (que pressupõe um argumento agente/fonte/força desencadeador do evento como sujeito), resultativa (que pressupõe um argumento sujeito que se submete a um processo de mudança) ou estativa (que pressupõe um argumento sujeito que é tema ou experienciador de um estado psico-físico-social).

Diferentemente de algumas propostas, não se considera que ambos componentes contribuem simultaneamente, através da combinação das suas estruturas temáticas, para a formação de predicadores complexos (conforme defensores da composicionalidade como proposta de explicação). Entende-se que os predicadores complexos são formados por verbos de comportamento semi-gramaticalizado, que nem são lexicais nem são completamente gramaticais/“auxiliares”: têm, antes, comportamento léxico-gramatical, situando-se num *continuum* de auxiliarização verbal.

Não é à toa que, embora assumam propostas de explicação distintas (uns considerem-nos elementos lexicais; outros, elementos funcionais), os autores recorrem a uma categoria específica para designar os verbos que se envolvem nesse tipo de estrutura, designando-os: “verbos suportes”, “verbos

⁴ Esse é o caso de nomes predicadores (nomes deverbais como, por exemplo, “comparação”, “preocupação”), cujas funções são respectivamente: referencial (função primária) e predicante (função secundária).

leves”, “verbalizadores”. Além disso, pesquisas em diferentes línguas normalmente listam, para essa categoria, mais ou menos as mesmas formas verbais e com semântica similar (*fazer* e *dar* em praticamente todas; *ter*, *pôr*, *ficar*, *levar*, entre outros de um inventário de itens que se supõe finito). Esse fato serve de indício da sistematicidade desse instrumento na formação de predicadores nas línguas e, possivelmente, para a hipótese de existência de padrões/trajetórias de gramaticalização universal⁵.

Um verbo atua como *Vsuporte* toda vez que se associa a um elemento não-verbal (nos *corpora* analisados, geralmente um constituinte nominal) de tipo “especial” (com função predicante (secundária)⁶ ou ao qual se quer atribuir tal função e com determinada configuração morfossintática e semântica), para formar uma expressão sintática que tem significação particular e (relativamente) “indissolúvel” e ainda marcar certas informações na estrutura do evento.

Quanto ao papel da frequência no processo de gramaticalização, observa-se, na análise de *corpora*, que o verbo suporte é um recurso usado com sistematicidade em diferentes espaços sócio-interacionais tanto por brasileiros quanto por portugueses para a formação de unidades predicantes. Geralmente manifesta algum grau de alteração semântica em comparação com seu emprego como verbo predicador, podendo assumir valor mais genérico e abstrato/metafórico que o deste. Isso pode ser percebido no confronto entre os usos presentes nos enunciados a seguir:

- (3) ***Deram*** droga ao meu filho para experimentar, mas ele não fuma nem tabaco. [PE escrito, Correio da Manhã, notícia, 25/08/2007]
- (4) Aliás, pra mim foi um sacrifício entrar, porque eu tenho um pouco de claustrofobia, entendeu? Eu, por exemplo, ando num avião qualquer, no tempo, no meu tempo de procuradora da LBA, eu andei até de teco-teco, mas eu não tenho medo, engraçado, no avião eu não tenho medo e em elevador eu tenho. Se eu estiver num elevador que ele pare entre dois andares eu tenho que me vi... violentar pra não gritar, pra não fazer, pra não ***dar escândalo***. [PB oral, acervo NURC-RJ, inquérito 347, superior completo]
- (5) Quando me dizem que não existe mais esquerda e direita, contesto com uma frase de Quino, o criador da Mafalda, quando perguntei numa entrevista qual era sua posição ideológica: “De que lado bate o coração?”.

⁵ Neste caso, a ideia é a seguinte: assim como o item lexical *ir*, em muitas línguas, resultou em um emprego auxiliar de futuro, certos verbos com propensão à *dessemantização* em virtude de seu conteúdo mais geral submetem-se a uma trajetória rumo a uma categoria com caráter auxiliar (a de verbo-suporte, se ligados a elementos não-verbais) por conta de cadeias de gramaticalização universal, metáforas conceituais universais.

⁶ De acordo com Dik (1997), as categorias básicas de predicado (Verbo, Nome e Adjetivo, com determinadas funções primárias na língua: Verbo com função predicante, Nome com função referencial e Adjetivo com função atributiva) podem, a depender do contexto, ter seus empregos prototípicos convertidos em usos derivados (secundários) – coincidentes, em maior ou menor grau, com usos primários de outras categorias.

- Pois meu lado esquerdo do peito deu pulos com a eleição do mulato chamado Barack Hussein Obama para a presidência dos Estados Unidos. [PB escrito, Carta Capital, artigo de opinião, 31/12/2008]
- (6) A modelo Sandra Fockink, aproveitando uma folga na sua agenda de trabalhos, veio dos Estados Unidos para festejar a Páscoa com seus familiares, e na noite da quinta-feira, deu uma chegada na InSide para conferir o show de Vanessa da Mata. [PB escrito, Gazeta do Sul, notícia, 04/2006]
- (7) “peneirava-se duas vezes. Tirava-se, a gente dizia, tirava-se o farelo e ao depois coava-se para, para tirar o rolão; desse mesmo rolão havia gente que fazia o pão. Fazia o pão do rolão para... torrar ou comer mesmo assim. [PE oral, acervo CRPC, inq. “Amassar e Cozer”, p. 2]
- (8) “Como você vê, coragem, superação, pioneirismo e trabalho fazem parte do dia-a-dia do Bradesco. Tudo para que você esteja sempre à frente.” [PB escrito, acervo VARPORT, O Globo, anúncio, 15/09/1998]
- (9) “Lema Galeano disse às autoridades ter aceitado o papel de «correio» por se encontrar em situação econômica difícil e poder, assim, fazer face a dívidas contraídas. Também a Polícia argentina procedeu a uma importante apreensão, ao detectar 24 quilos de cocaína, avaliados em cinco milhões de dólares, que se encontravam no Aeroporto Internacional de Ezeiza, dissimulados numa carga de peixe.” [PE escrito, VARPORT, Diário de Notícias, notícia, 13/04/1988]
- (10) “pra a gente puxar a rede que lá a gente se molha todinho puxa de roupa mesmo ou senão quem tem capa leva alguma capa de plástico coloca pra não molhar né” [PB oral, APERJ, semi-alfabetizado]
- (11) “o cavalo quando vê o obstáculo tem tendência a, a parar-se, não é” [PE oral, CRPC-PF, inq. 482]
- (12) “Cristiano Ronaldo irá receber uma conta de 22 mil euros. O dinheiro será para pagar os estragos que fez quando teve o acidente com o Ferrari. Um muro, rails e uma porta de emergência ficaram danificados no túnel onde o extremo português bateu a 8 de Janeiro, quando se dirigia para o treino do Manchester United.” [PE escrito, Diário de Notícias, 20/02/2009]
- (13) “Estive distante da internet neste final de semana, por isso não poste qualquer tipo de análise sobre o GP do Bahrein. Primeiramente, no sábado tive corrida de kart, o que atrapalhou meus planos. No domingo, final do Paulistão e outros compromissos pessoais fecharam a fatura.” [PB escrito, Blog Pé na Tábua, 27/04/2009]

Extensão semântico-sintática mais ou menos afastada do verbo predador (cf. exemplos deste em (3), (7) e (10)), o verbo-suporte mantém, em maior ou menor grau, traço(s) do significado lexical básico daquele ou da estrutura argumental projetada por ele. Isso se explica pelo parâmetro de *persistência* previsto no processo de gramaticalização, segundo o qual, de acordo com Hopper (1991), a forma gramaticalizada mantém características de seu domínio fonte.

O verbo *dar*, por exemplo, ao assumir a função de conferir função predicante a elementos que não têm essa função primária, esvazia-se do valor específico de “transferência de uma meta” da sua forma primária (cf. exemplo (3)) para assumir um valor transferencial metafórico (como o que revela no exemplo (1) “*dar os parabéns*”) ou até valor não-transferencial (como nos exemplos (4) “*dar um escândalo*” ou (5) “*dar pulo(s)*”). Em alguns casos, resta-lhe simplesmente valor de ação/atividade (cf. exemplo (5) “*dar pulo(s)*”), valor causativo (cf. exemplo (14) “*dá jeito*”); ou até assume valor resultativo (cf. exemplos (15) “*deu uma grande angústia*”, (16) “*dá conta*” ou (17) “*dá jeito*”), a depender dos elementos não-verbais sobre os quais atue e da construção ativa/causativa, estativa ou resultativa com a qual o verbo suporte e este elemento não-verbal se compatibilizem:

- (14) Ela disse que não tinha o dinheiro... aí ele disse que ia ajudar ela ... ele tem pena dela... aí ele disse que sempre... ele dá jeito em tudo e o importante era ter saúde para conseguir arrumar o dinheiro, né? Conseguir trabalhar... [PB oral, acervo D&G, narrativa recontada]
- (15) não fazia muito sentido aquela casa imensa e tudo... mas me deu uma grande... anGÚStia de... de ver aquilo partir e tal... e um pouco... por acaso outras pessoas se entusiasmaram pela idéia se transformou num filme de/... um curta metragem de dez minutos que hoje em dia tá... premiado com essa casa [[riso]] com o endereço da casa... que é/ se chama “Rua das Palmeiras 38”. [PB oral, NURC-RJ, inquérito133]
- (16) Se o PMDB quer conservar o poder, constata Ulysses, tem que se atravessar no caminho dos demagogos, ou batê-los no seu próprio jogo. Montado na sua Constituição-cidadã, o candidato Ulysses dá conta de que cavalga um cavalo de vento. Quem olhar bem verá que ele não tem nada entre as pernas [PB escrito, JB, editorial, 23/10/1988]
- (17) Se pudéssemos voltar atrás, se ainda fosse possível corrigir a coisa... É nesta interrogação que nasce a justificação do aborto. Se é apenas um pequeno conjunto de células... bem, então ainda não é verdadeiramente gente e podemos deitá-lo ao lixo; e ainda que seja maiorzinho, que diabo!, ainda não fala nem respira e temos dúvidas de que pense ou sofra... Ai!, dava tanto jeito... E assim, como dá jeito, arranjamos todas as desculpas do mundo. (...)

Agora é claro que isso não dá jeito nenhum! Não dá jeito a gente entusiasmar-se e, num repente, virar pai ou mãe; não dá jeito falhar a pílula ou o preservativo; não dá jeito pensar em gravidezes quando queremos apenas passar um bom bocado; não dá jeito ser assombrado pelo fruto de uma relação ocasional; não dá jeito ter de mudar inesperadamente o rumo na vida que tínhamos previsto. Não dá jeito mesmo nenhum... [PE escrito, Expresso, artigo de opinião, 09/02/2009]

O verbo *ter* também manifesta algum grau de alteração semântica em comparação com o valor que tem como verbo predicador (cf. ex. (10)) e, então, assume valor estativo de posse mais abstrata. Passa a sinalizar um estado psicossocial, por operar frequentemente sobre nomes abstratos do tipo

psicológico ou relativos a comportamento psicossocial (como no exemplo (11) “tem tendência”), ou até a formar predicadores complexos que indicam atividades/ações, como se observa em (13) “ter corrida” por *correr* ou em (19) “ter briga” por *brigar*.

- (18) Com Roberto Menescal, apliquei essa técnica da obediência às regras. Antes ouvia-o falando: “Isso não pode. Aquilo não pode”. Folheeí o caderno dele e no final eu disse: “Agora, Menescal, você pode fazer o que quiser na música”. O importante é ter obediência às regras. [PB escrito, Revista Raça, artigo de opinião, ed.100/2008]
- (19) “Atlético-MG promete ter briga pela camisa 1” [PB escrito, Globo, manchete/notícia, 29/05/2009]

O verbo *fazer* comporta-se como um elemento que enseja vários “cenários” de ação/processo, que só serão (sub)especificados pelo elemento não-verbal sobre o qual opera. É bastante frequente que *fazer* mantenha o valor factivo existente na estrutura com Vpredicador pleno, apesar de se apresentar *dessemantizado* (em maior ou menor grau, a depender do contexto linguístico). Em grande parte dos dados, confere ao elemento não-verbal traço de dinamicidade e/ou controle, o que acarreta uma relação semântica que envolve, pelo menos, uma entidade fonte com papel de agente/força/causa. Assim, um nome que não denota ação/atividade passa a ter esse conteúdo semântico, como se verifica em “fazer (a) barba” (ex. 20).

- (20) “(...) tem um tipo de profissional que é o que faz a barba das pessoas (...)” [PB oral, NURC-RJ, inq. 023]

Fazer é uma espécie de Vsuporte “default” que o falante emprega, com frequência, para a verbalização de nomes (de natureza substantiva ou adjetiva). Reforça esse comportamento a observação em alguns estudos de que a criança aplica *fazer* como uma espécie de *super-suporte* toda vez que hesita porque não se lembra do Vsuporte apropriado para a atribuição de caráter verbal a determinada forma *input* ou a desconhece. Sua produtividade na língua e a natureza quase irrestrita do sujeito e do componente não-verbal do predicador verbo-nominal que forma (haja vista exemplos como (8) e (9)) contribuem para sua interpretação no âmbito da gramática.

Em vista de ser um elemento semi-gramatical que não é completamente desprovido de elementos de seu significado lexical básico (do mesmo modo que muitos verbos semi-auxiliares também não o são), o verbo suporte contribui para definir o tipo de situação que a predicação designa. Nota-se isso, comparando-se os seguintes tipos de ocorrências, dentre outras⁷: (21-23) *ter/dar/fazer lançamento*, (24-25) *fazer/ter/dar consulta(s)*, (26).

⁷ Outros exemplos: ter entrada X dar entrada; dar força X fazer força; ter confiança X dar confiança; dar consulta X fazer consulta; fazer parte, ter parte X dar parte; ter início X dar início; dar alívio X ter alívio.

- (21) “Revista ‘Princípios’ **terá lançamento** na Câmara dia 13.” [PB escrito, Portal Vermelho, notícia, 06/05/2009]
- (22) “Quinta Cult” é o evento que **dará lançamento** a Galeria Imagini. No mesmo local, a galeria será permanente e aberta o público gratuitamente em horário comercial.” [PB escrito, Portal MS, notícia, 29/05/2009]
- (23) “Lula **fará lançamento** da 1.^a Conferência Nacional de Segurança Pública na segunda.” [PB escrito, A Tarde online, notícia, 07/12/2008]
- (24) “Médicos de centros de saúde voltam a estar disponíveis para ir **fazer consultas** a casa. Estar doente e ter um médico que vai a casa **fazer a consulta** tornou-se uma raridade nas últimas décadas. As exceções quase só são abertas para pessoas acamadas. (...)
Ainda assim, na população de utentes estudada pelo Insa só 1,2 por cento **tiveram** pelo menos **uma consulta** ao domicílio em 2007. Dados de 2005 dos centros de saúde de todo o país apontam para uma percentagem inferior: dos 26,4 milhões de consultas realizadas nesse ano só 140 mil foram domicílios (cerca de 0,5 por cento).” [PE escrito, Público, notícia, 09/04/2008]
- (25) “As consultas de cessação tabágica no `Joaquim Urbano` começaram há cerca de cinco anos, mas apenas se realizavam durante cerca de “meia manhã por semana”, período em que era marcada “uma primeira consulta e algumas segundas consultas”.
“Isto dava, no máximo, cerca de 40 dias por ano em que podíamos **dar consulta**, ou seja, só com uma primeira consulta por semana, conseguíamos cerca de quatro dezenas por ano, o que era muito pouco”, salientou Pinheiro Braga.” [PE escrito, RTP, notícia, 17/11/2008]
- (26) O colega **levou um susto de Pedro**. / Pedro **deu um susto no colega**.
Trovão dá medo em crianças. / Muitas crianças **têm medo** de trovão. / O professor **pôs medo** nos alunos.
Dei força para ele estudar para o concurso. / **Fiz força** para passar no concurso.
Pedro tem preocupação com o filho. / O menino **dá preocupação**.
Não deu receio posar nu? / Não **teve receio** de posar nu?

O verbo suporte tem, portanto, implicações semântico-discursivas relevantes. Assim como ocorre com os operadores auxiliares ou semi-auxiliares que atuam sobre verbos numa forma não-finita, a opção por um ou outro operador de verbalização pode conferir à predicação diferentes valores, conforme se vê em (26): **resultativo** (O colega *levou um susto de Pedro*. ou *Não deu receio de posar nu?*), **ativo/causativo** (*Pedro deu um susto no colega*. ou *Trovão dá medo nas pessoas*) ou **estativo** (*Muitas crianças têm medo de trovão*. ou *Pedro tem preocupação com o filho*.), uma situação de estado de posse metafórica de entidade abstrata (em geral, psicológica) nos predicadores com *ter*; **evento ativo e/ou causativo de tipo “transferencial”** (*Dei força para ele estudar para o concurso*. ou *Pedro deu sua contribuição à equipe*.) ou **evento ativo e/ou causativo de tipo não-transferencial** (*Fiz força para passar no concurso*.).

Em geral, *dar* e *fazer* contribuem para a formação de predicadores ativos e/ou causativos, e *ter*, para a formação de predicadores estativos. Por exemplo, os predicadores sublinhados em “Ela contou ao irmão que sua casa foi assaltada e que ela quer fazer queixa / dar queixa / ter queixa na polícia.” têm um mesmo significado básico, que consiste na expressão de um descontentamento, mas há diferenças que permitem considerar os dois primeiros predicadores complexos mais próximos da ideia que se pretende: registrar uma queixa. *Dar* e *fazer* sugerem a ideia de atividade. Já *ter* implica a noção de passividade, e o foco de atenção está no registro/documento resultante do movimento causativo de registrar uma queixa.

Assim sendo, o verbo-suporte contribui para a apresentação de um evento, que é especificado, principalmente, pelo elemento não-verbal ao qual se associa. Como revela desgaste semântico em decorrência do processo de gramaticalização ao qual se submete, atua na perífrase verbo-nominal, principalmente, para marcar o valor categorial de unidade predicante e codificar as categorias gramaticais do verbo (de tempo, modo, aspecto, número e pessoa) e, assim, dar suporte gramatical ao elemento nominal ao qual se alia.

Diferentemente do emprego de verbo predicador, um verbo suporte típico quase não determina condições semânticas para o constituinte sujeito. Essas condições lhe são impostas principalmente pelo elemento não-verbal, núcleo semântico da perífrase verbo-nominal, e pelo significado da construção na qual o verbo se enquadra. Isso pode ser percebido pelos diferentes papéis temáticos dos termos que preenchem a posição de sujeito dessas perífrases⁸, como se observa nas ocorrências (4), (16), (27) e (28) de *dar*; como se observa nas ocorrências de *ter* em (13) “tive corrida” e (19) “ter briga” com sujeito agente/controlador do evento e na ocorrência de *fazer* no exemplo (8) “fazer parte”.

- (27) “O carro deu um empurrão nela que caiu sentada ao passo que xingava demasiadamente. Um dos assaltantes entrou no fusca enquanto o outro retornou para o carro em que vieram. (...)” [PB escrito, relato de experiência]
- (28) “Hoje as folhas caíram ferozmente... Hoje, em plena segunda-feira maldita, a chuva deu um empurrão e a folhagem caiu... O outono tardio, que chega em pleno inverno, esperou o final de semana inteiro para não deixar seu espetáculo sem platéia.” [PB escrito, crônica]

Os verbos suportes têm a característica de moldar-se à configuração semântico-sintática da construção em que se enquadram. De acordo com o princípio de *coerência semântica* (segundo o qual só se podem fundir os papéis compatíveis semanticamente) e o *princípio de correspondência*

⁸ Em construções com verbo-suporte FAZER, por exemplo, encontram-se termos com as funções de agente (*Pedro fez bagunça no quarto*), força (*O temporal fez um estrago na lavoura*), paciente (*O paciente deste leito fez uma cirurgia*), tema (*Esse poema faz parte da coletânea*).

(segundo o qual os papéis designados lexicalmente se fundem com os papéis previstos na construção)⁹, um verbo – fazendo parte de uma classe de verbos (de estado, ação, processo ou posição) em relação à qual, por sua vez, também há expectativas quanto ao tipo de construção/predicação em que se enquadrará – pode ter os papéis/participantes associados ao seu domínio-fonte de predicador semanticamente fundidos com os papéis que fazem parte da estrutura argumental da construção em que se insere o predicador complexo. Os participantes previstos pelo item não-verbal também se submetem a essa compatibilização.

Outro fato revelador do comportamento instrumental de *dar*, *fazer* e *ter* nas perífrases em análise está na possibilidade de atuação ampla desses verbos: operam sobre elementos não-verbais de natureza diversa, como se observa nestes enunciados.

- (29) “(Friedrich Stowasser) e as esculturas de Fritz Wotruba (1907-75) alcançou fama internacional e **deu promessa** de um ressurgimento em arte austríaca.” [PB escrito, notícia] DEU/FEZ PROMESSA
- (30) “O pai **deu um desmaio** quando a voz do filho ele escutava. De mansinho o pai passou, pois a turma o ameaçava. Uma voz ele escutou, está descoberto nosso ...” [PB escrito, narrativa] DEU/TEVE UM DESMAIO
- (31) “(...) pôde exercer uma patente no exercito e não pode ter parte no governo do paiz (...) Sr. Silveira da Motta: **fazer parte** do exercito não é **ter parte** no governo; a força militar é toda passiva” [trecho do livro O conselheiro Francisco José Furtado escrito por Tito Franco de Almeida] TER/FAZER PARTE
- (32) “Já vínhamos a **fazer rumo** às ilhas, se às vezes ele continuasse a perseguir-nos nós íamos para as ilhas, arribávamos às ilhas, os que podiam.” [PE oral, CRPC, inquérito 149] TER/FAZER RUMO

Diferentemente de verbos predicadores, atuam, com maior frequência, sobre elementos não-verbais que denotam eventos/estados de coisas e não sobre indivíduos/objetos específicos no mundo biossocial. Por isso, apresentam funcionamento distinto do funcionamento discreto que têm como Vpredicadores: quando os nomes são submetidos a algum tipo de modificação morfossintática (devida à presença de artigo ou modificador ou à sua pluralização, por exemplo), essa modificação não os leva a se tornarem elementos discretos (como são os complementos de um Vpredicador), mas apenas contribui para a atribuição de algum tipo de valor qualitativo/aspectual à predicação: destacam, por exemplo, o valor iterativo, o caráter pontual ou superficial do evento.

Aspecto revelador do comportamento “semi-gramaticalizado” dos verbos suportes é o fato de eles poderem formar um predicador complexo que preserva aspectos da estrutura argumental característica de verbo predicador,

⁹ Com base em Goldberg (1995).

de que é uma extensão de uso/sentido, como se observa no exemplo (1) “*dar os parabéns ao FC*” ou no exemplo:

- (33) “Acho que o governo devia de... **dar proteção** à colônia [de pesca].” [PB oral, APERJ, inq. 105]

O verbo *dar* realiza-se tal qual um predicador de três lugares; *fazer* manifesta-se como um de dois ou três lugares. No entanto, nem sempre essa estrutura é preservada na formação de perífrases verbo-nominais, como ilustram os exemplos (4) “*dar um escândalo*”, (5) “*dar pulos*” ou (30) “*deu um desmaio*”.

Outra propriedade que revela a persistência de caráter lexical no verbo suporte e que, portanto, o aproxima da categoria de verbo predicador relaciona-se ao fato de ser possível dupla análise de sua atuação. Por exemplo, o elemento não-verbal que se liga ao verbo suporte tem comportamento semelhante ao do complemento de um verbo predicador, sob extração, em estruturas clivadas ou interrogativas.

- (34) “(...) recentemente a minha gatinha também teve problemas com lombrigas, eu administrei um desparasitante em pasta que o veterinário receitou. Na primeira administração a gata **fez rejeição** ao medicamento, vomitou aquilo tudo, voltei ao veterinário e ela aconselhou-me a dar novamente o desparasitante no dia seguinte e sugeri que desse a ambas as gatas, e disse-me que era bom colocar ao dispor do animal erva fresca umas quantas vezes por semana.” [PE escrito, 27/06/2007]

Foi [ao medicamento] que a gata **fez rejeição**...

Foi [rejeição ao medicamento] que a gata **fez** ...

Foi [rejeição] que a gata fez ao medicamento.

A que a gata **fez rejeição**? Ao medicamento.

O que a gata **fez**? **Rejeição ao medicamento.** (**Fez rejeição ao medicamento.**)

Nem sempre há sintagmas preposicionais com estatuto de complemento nas predicções com verbo-suporte. Inclusive, isso está vinculado ao fato de as perífrases verbo-nominais com verbo-suporte serem estruturas linguísticas com as quais os usuários da língua podem contar quando têm a finalidade de obter um predicado de valência reduzida que lhes permita apresentar genericamente um evento (sem entrar em detalhes), prescindir de complementação. É o que se nota, por exemplo, em “Principal derrotado, Maluf não quis **fazer comentários**. (retomando o exemplo 1)” ou nestes:

- (35) “As pessoas estavam ansiosas do lado de fora esperando os detetives saírem e lhe **darem explicações**. Eles estavam demorando muito.” [PB escrito, narrativa, redação escolar]
- (36) O pessoal, ninguém sabe **fazer compra**, então qualquer coisa que eles precisam, quem vai sou eu mesmo. Já fiz verdadeiras listas de compras. Chega natal, por exemplo, é uma loucura, porque eu compro todos os meus presentes de natal, os do meu marido, os da minha sogra e os da babá. [PB oral, NURC-RJ, inquérito 140]

Uma vez que o complemento de um predicador nominal é menos exigido discursivamente do que o complemento de um predicador verbal, o falante pode optar por não declarar o(s) argumento(s) interno(s) projetados pelo predicador nominal. Porém, quando ocorre, o sintagma preposicionado, que é argumento interno, pode ser analisado como complemento da perífrase $V_{suporte} + \tilde{n}V$ ou simplesmente do verbo.

Outra propriedade reveladora de comportamento lexical do verbo suporte está no fato de o elemento não-verbal sobre o qual aquele opera se sujeitar à retomada por pronome oblíquo. Assim como ocorre em perífrases com certos verbos semi-auxiliares, é possível a reativação do elemento não-verbal mediante substituição por um clítico:

- (37) “Eu não vejo por que as pessoas **fazem discriminação** entre o homem e a mulher profissional, principalmente o profissional que depende do trabalho intelectual.” [PB oral, acervo NURC-RJ, inq. 109] *Fazem-na porque sabem que não haverá maiores repercussões.*

Uma das finalidades discursivas vinculadas à opção textual por predicador complexo com verbo-suporte está justamente na coesão semântico-sintática que tal forma pode promover.

Uma evidência do funcionamento semântico-sintático dessas construções como unidades predicantes é a existência, em muitos casos, de verbos predicadores (Vplenos/Vprincipais) cognatos ao elemento nominal com significado relativamente equivalente ao do predicador complexo, como se percebe nos textos abaixo:

- (38) Tenente diz que só queria **assustar** jovens da Providência
O tenente do Exército Vinicius Ghidetti de Moraes Andrade reafirmou hoje, ao ser interrogado pelo juiz Marcelo Granado, da 7.^a Vara Criminal Federal, que sua intenção ao levar os três jovens do Morro da Providência para o Morro da Mineira era de apenas **dar-lhes “um susto”**. Segundo ele, não estava previsto entregar Wellington Gonzaga da Costa Ferreira, de 19 anos, David Wilson Florenço da Silva, de 24, e Marcos Paulo Rodrigues Campos, de 17, para os traficantes. [PB escrito, notícia, 03/07/2008]
- (39) “Lula **fará lançamento** da 1.^a Conferência Nacional de Segurança Pública na segunda.”
Brasília – Mobilizar a sociedade para que participe das discussões para criar um novo modelo de segurança pública no Brasil. Com esse propósito o presidente Luiz Inácio Lula da Silva **lança** nesta segunda (8) a 1.^a Conferência Nacional de Segurança Pública (Conseg), que será realizada em agosto de 2009. Autoridades, representantes de movimentos sociais, gestores públicos e trabalhadores da área de segurança pública devem participar, às 16h30, no Salão Nobre do Palácio do Planalto, do lançamento da 1.^a Conseg, que tem a coordenação do Ministério da Justiça. [PB escrito, A Tarde online, notícia, 07/12/2008]

Essas formas funcionam, então, como alternativas discursivas. Porém, nem sempre as perífrases apresentam esse tipo de correspondência com verbo cognato, como é o caso da que está em (16) ou das em:

- (40) “e ônibus ali... coletivos... que descem pra **dar vazão** aí a essa demanda de passageiros...[PB oral, acervo NURC-RJ, inquérito 269]
- (41) “(...) todo o tempo que eu tenho é tomado nas minhas atividades... eu não tenho... eu gostaria até de **fazer ginástica**... já nas férias geralmente eu **faço ginástica** ... para evitar... justamente ... manter o tempo todo sentada...” [PB oral, acervo NURC-RJ, inquérito 328]

E também nem sempre há comparabilidade funcional possível entre predicadores complexos e verbos plenos cognatos, conforme se observa a seguir: em “deu uma chegada”, com a ideia de confronto.

- (42) “No futebol o lateral Carlos Alberto, depois que viu uma agressão covarde contra Pelé, **deu uma “chegada”** no estafermo, que o cara subiu metro e meio! ... [PB escrito, artigo de opinião, 10/05/2009]

Há também restrições quanto à configuração do elemento não-verbal que se incorpora ao verbo-suporte que contribuem para delimitar os casos de perífrases verbo-nominais. O elemento incorporado não é um termo pleno, ou seja, item ou expressão com a função de estabelecer referência, designar especificamente uma entidade do mundo biossocial. Sua significação é mais genérica. Sua função, na verdade, é especificar o evento geral (estado, processo, posição ou ação) expresso pelo verbo-suporte. Ocorre, tipicamente, em sua forma básica, ou seja, não é acompanhado de qualquer determinante (artigo, pronome) ou modificador (adjetivo, advérbio de intensidade), nem é flexionado em número. Ocupa, preferencialmente, a posição depois do verbo-suporte.

O não-atendimento a essas condições morfossintáticas para o elemento não-verbal e para o verbo-suporte conduz à hesitação quanto ao grau de integração de $V + \bar{n}V$ num predicador complexo. Assim sendo, é possível estabelecer uma escala para as perífrases com verbo-suporte. Estas são basicamente de dois tipos. Um deles é o das expressões completamente cristalizadas/lexicalizadas em que a contribuição dos constituintes é opaca ou nula: as expressões idiomáticas normalmente listadas em obras lexicográficas (“fazer vaquinha”, “fazer hora”, “fazer cara feia”, “fazer vista grossa”, “fazer uma horinha”, “fazer uma fezinha”, “fazer a caveira (de alguém)”, “fazer gato e sapato”; “ter (o) topete”, “ter modos”; “dar as caras”, “dar zebra”, “dar uma geral”, “dar bandeira”, “dar a mão à palmatória”; *entre tantas outras*). Elas são caracterizadas por baixa ou nula possibilidade de alteração da forma da perífrase e de mobilidade de seus componentes, bem como pela fixação de um significado sócio-cultural específico, que normalmente não é recuperado a partir do significado de suas partes. O outro é o das expressões com verbo-suporte não lexicalizadas cujos componentes

apresentam diferentes graus de integração a depender de certas características.

O maior grau de integração é o dos predicadores complexos cujos componentes têm todas as propriedades de configuração prototípica e, inclusive, são formados por nomes deverbais (*fazer concessão, dar movimentação, ter consideração*). Nesses casos, é mais fácil detectar a perífrase verbo-nominal, seu comportamento semelhante ao de um verbo principal simples. Num segundo grau de integração já estão os predicadores complexos cujo elemento incorporado não é nome deverbal (*fazer barba, dar um murro, ter renda*). Um terceiro nível de enfraquecimento da integração é o dos predicadores complexos cujo componente não-verbal, apesar de ser um predicador nominal, é antecedido de determinante (*fazer sua opção, fazer a narração, fazer essa inserção*), fator que contribui para tornar mais referencial o elemento incorporado. Ainda mais enfraquecida é a coesão entre os componentes de predicadores complexos cujo elemento não-verbal, além de não ser um nome deverbal, é antecedido de determinante (*fazer o desenho, fazer a feira, dar essa ordem, ter o trabalho*). Outro grau que também revela coesão enfraquecida, mas por outro motivo, é o dos predicadores complexos cujo elemento não-verbal é um predicador nominal antecedido de modificador intensificador (*fazer muito movimento, ter imenso gosto*) ou *quantificador* (*fazer duas previsões, dar três declarações*). E ao menor grau de integração pertencem os predicadores complexos cujo elemento não-verbal é um predicador nominal acompanhado de outro tipo de modificador (*fazer alegações falsas, dar declarações absurdas*). Esses são os que mais dúvida causam, em virtude do maior nível de recuperação da função referencial do sintagma incorporado (a função primária dos nomes na língua), já que este remete a uma entidade no mundo mais específica e identificável/recuperável. Fazem fronteira com as predicções constituídas de “Vpredicador pleno + termo/sintagma complemento” (formas independentes, com autonomia e (certa) diversidade de estruturação/distribuição).

3.2 Emprego de perífrases verbo-nominais em vez de predicadores simples

As análises de *corpora* evidenciam que perífrases verbo-nominais são empregadas no Português Brasileiro e no Português Europeu em diferentes espaços sociolinguísticos¹⁰. O nível de produtividade de perífrases com verbo-suporte na fala é maior do que na escrita. A propensão ao uso de perífrases na fala indica que essa estrutura faz parte da gramática do Português e que os falantes a usam até inconscientemente. Certa diminuição do emprego de perífrases na escrita parece estar associada à orientação de cunho mais

¹⁰ Mesmo não se tendo o intuito, neste artigo, de proceder a uma análise contrastiva de PB e PE, vale registrar que nem sempre há coincidência entre as construções com verbo-suporte nessas variedades; no entanto, diversas construções estão documentadas nas duas variedades.

normativo de que sejam usados diversos itens lexicais (ampliação de vocabulário) para demonstrar riqueza vocabular, o que faz com que o número de perífrases se reduza, evitando também que o indivíduo incorra em repetições. Essa hipótese tem-se revelado pertinente nos experimentos da pesquisa de atitudes (questionários e/ou conversas gravadas com brasileiros) que já foram aplicados. Estes permitem delinear o seguinte perfil de comportamento: os falantes tendem a associar a perífrase verbo-nominal com a modalidade falada (com “o que se costuma falar”, “o que é mais adequado no texto falado” ou “na conversa”). Além disso, no teste em que o professor de Português tem de emitir seu parecer a respeito de um texto em que há perífrases com verbo-suporte, nota-se que alguns encaminham a substituição das perífrases por conta do excesso de formas do mesmo tipo, ou seja, por conta da orientação “evite repetição vocabular (que está associada à pobreza lexical)” e por conta da imagem que se faz de uma redação escolar.

Os testes de atitudes também têm mostrado um perfil de comportamento que corrobora o resultado obtido em análises de *corpora* de que o grau de formalidade influencia na opção por perífrases ou verbos predicadores. Segundo o resultados destas análises, há o seguinte: quando há diferença entre as formas verbais quanto ao registro, é um pouco menor a frequência de uso de formas verbais simples; quando têm o mesmo grau de formalidade, o índice percentual de uso de predicadores simples é significativamente mais alto. Observa-se também que, quanto maior o grau de formalidade percebido na situação comunicativa, maior é o número de ocorrências de verbo predicador. Inversamente, maior é a produtividade da perífrase, quanto menor o grau de formalidade. Também já se detectaram perfis de comportamento nesse sentido: os falantes relacionam perífrases com verbo-suporte a situações que não sejam formais e, em consequência dessa percepção quanto ao vínculo entre a seleção de perífrases e o registro informal, chegam a associá-las, a depender da forma verbal complexa, com desvios da norma culta, da norma *standard*. Fazem esse tipo de associação, embora admitam ouvir e/ou usar, até com frequência, estruturas com verbo-suporte.

Em testes de atitudes, os usuários tendem a reconhecer diferenças de sentido (em alguns casos, até sutis) em algumas construções que não apresentam a configuração típica de predicador verbo-nominal (verbo-suporte + nome não determinado e não modificado). Por exemplo, os informantes vinculam a perífrase à exposição de “temas com maior afetividade” (*fazer aniversário* por *aniversariar*; *dar beijinho* por *beijar*; *fazer/dar carinho* por *acarinhar*), ao tratamento do interlocutor com “mais intimidade” ou “de forma mais carinhosa”, à criação de uma imagem menos tensa, “descontraída” (vamos *fazer uma reuniãozinha* por *vamos nos reunir*; *dar parabéns* por *parabenizar*), à ênfase na “superficialidade/brevidade” do evento (*dar uma pesquisada* por *pesquisar*). Em geral, os usuários até relacionam predicadores complexos a predicadores simples em função de uma significação básica comum, mas percebem que essas formas podem codificar intenções comunicativas específicas. Os resultados obtidos nas análises de *corpora* demonstram que o uso das perífrases com verbo-suporte ocorre para, muitas vezes,

expor uma nuance de sentido não atingida com o verbo predicador correspondente.

As perífrases com verbo-suporte são empregadas com diversas finalidades discursivas. Entre as mais recorrentes nas amostras de dados já analisadas, estão as seguintes: (cf. exs. 43-45) expressão de um significado especial do nome não alcançado pela forma verbal simples correspondente; (ex. 46) indicação no predicador (complexo) do valor reiterativo do evento por meio da pluralização do nome predicante; (exs. 47-48) versatilidade discursivo-textual por meio de uma alternativa à estrutura com pronome clítico; (ex. 49) obtenção de maior adequação comunicativa de registro/linguagem (formal/informal; técnica/não-técnica); (ex. 50) possibilidade de classificação, qualificação ou intensificação de uma grandeza do evento em vez da caracterização/intensificação do evento em si.

- (43) “Há pouco tempo deu um vazamento aqui no escritório, chamei lá o, o bombeiro, e o sujeito pra arrebentar ali a parede... **fazer uma soldazinha**... que trabalhou o quê? Acho que uma meia-hora. Ele apresentou a conta, cem cruzeiros. (...)” [PB oral, NURC-RJ, inq. 127] (sentido mais pontual e “ligeiro” que durativo)
- (44) A gente pode até **ter uma briguinha**, mas depois a gente desculpa de verdade, perdoa de verdade e renova a amizade para sempre. Somos uma grande família. [PB oral, NURC-RJ]
- (45) Eles estavam na trincheira e aí de repente **dava uma levantadinha**, vem aquela bala toda, o sujeito abaixava, achava uma graça enorme. De vez em quando um pegava uma bala, né? E isso vai muito por conta da falta de preparo, não é? E ... Ou então não há realmente noção de, de perigo, eh, uma parte do problema do pingente é isso, quer dizer, o sujeito não tem noção do perigo. Viajar dependurado num trem deve ser muito mais confortável, muito mais gostoso, muito mais, eh, excitante do que viajar dentro dum trem daqueles, quer dizer, que deve ser horrível, não é? [PB oral, NURC-RJ, inq. 233]
- (46) “**Fizeram-se viagens** pelo país à procura de projectos que se adaptassem “como uma luva” ao espírito programático da Polis.” [PE escrito, Jornal Público, 24/05/2000]
- (47) “eu vou comprar o título não sei de quê já que estamos tratando de... mercado de capitais... eu não **tenho essa preocupação** ...” [PB oral, NURC, inq. 355] (“me preocupo com isso”)
- (48) No mais, a comunidade de informações que é a base ideológica do SNI continua mais viva do que nunca e certamente não **tem interesse** em abrir suas portas a quem quer que seja. [PB escrito, VARPORT, editorial, 16/10/1988]
- (49) “Um lance mais duro causou uma rápida discussão durante o treino do Vasco nesta sexta-feira, em São Januário. Leandro Bomfim **deu uma chegada** em Wilson, que se descontrolou e xingou o companheiro. O zagueiro do time reserva acabou expulso. Na coletiva, porém, quem assumiu a culpa da briga foi o volante Thiaguinho, que deu detalhes da confusão.” [PB escrito, Globo, notícia, 23/11/2007]

- (50) “Saiba que vários falam que já ficaram mas ou **deram uma ficada muito ruim** ou nunca ficaram.” [PB oral, NURC-RJ]

4. Considerações finais

As perífrases exibem características que, tomadas em conjunto, levam a quatro conclusões principais.

Os verbos suportes têm papel léxico-gramatical no Português, que se manifesta em algumas propriedades predicativas que preserva da forma fonte e em propriedades associadas ao comportamento gramatical que assume.

O sentido das construções com verbo-suporte é sensível, de um lado, à significação encaminhada por ambos componentes, mas, em termos de referência à realidade biossocial, principalmente pelo elemento não-verbal, e, por outro, à significação da construção ativa/causativa (de tipo transferencial ou não-transferencial), resultativa ou estativa na qual se instancia o predador complexo formado com base nesses componentes.

Um conjunto de propriedades norteia a configuração semântico-estrutural prototípica de perífrases: sobre termos (em geral, predicantes, porque já projetam uma estrutura de argumentos) de caráter genérico, com função classificatória em relação ao verbo e sem elementos adjacentes que contribuam para lhes conferir valor referencial, operam verbos desbotados semanticamente (de seu sentido-fonte), que servem à marcação de categorias gramaticais. O maior ou menor respeito a essas propriedades gera perífrases cujos componentes revelam graus de integração distintos.

Apesar de as perífrases se prestarem a uma multiplicidade de propósitos discursivo-textuais, serem empregadas no Português em diversos espaços sócio-comunicativos e serem avaliadas pelos usuários frequentemente como formas legítimas, em geral se associa a perífrase a contextos de oralidade, informalidade e até de desvio da norma *standard*. Naturalmente, esse tipo de associação dependerá do tipo de perífrase verbo-nominal em jogo, do contexto de uso, da intenção comunicativa, da existência ou não de outra alternativa de predicação.

5. Referências

- Dik, Simon C. (1997). *Theory of Functional Grammar*. Ed. por Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter. v.1.
- Fasold, Ralph (1987). *The Sociolinguistics of Society*. v. I. New York, USA: B. Blackwell, pp. 147-179. [1984]
- Goldberg, Adele E. (1995). *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University Press.
- Goldberg, Adele E. (2006). *Constructions at Work: the Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press.
- Heine, Bernd. *et al.* (1991). *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press.

- Heine, Bernd. (1993). *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press.
- Hopper, Paul J. (1991). On some principles of grammaticalization. In: Traugott, E. C. and Heine, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Volume I. Philadelphia: John Benjamins Company.
- Labov, William (1972). The study of language in its social context. In: *Sociolinguistic patterns*. Oxford: Blackwell, cap. 8, pp. 183-259.
- Lavandera, Beatriz R. (1978). Where does the sociolinguistic variable stop? *Language Society* 7. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 171-182.
- Lehmann, Christian (2002). New reflections on grammaticalization and lexicalization. In: Wisner *et al.* (eds.) *New reflections on grammaticalization. Proceedings from the International Symposium on Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 1-18.
- Machado Vieira, Marcia dos Santos (2001). *Sintaxe e semântica de predicados com verbo fazer*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ.
- Taylor, John R. (1995). *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. 2. ed. Oxford: Calderon Press.